

ESTRESSE, COPING E ESTADO DE SAÚDE DE ENFERMEIROS DE CLÍNICA MÉDICA EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO

Laura de Azevedo Guido*
Juliane Umann**
Lilian Medianeira Coelho Stekel***
Graciele Fernanda da Costa Linch****
Rôsangela Marion da Silva*****
Luis Felipe Dias Lopes*****

RESUMO

O presente trabalho é um estudo transversal desenvolvido em um hospital universitário, tendo como objetivo identificar os elementos estressores na atuação dos enfermeiros de clínica médica, as estratégias de *coping* e o estado de saúde desses profissionais. A população constitui-se de dez enfermeiros em exercício de diferentes cargos ou funções. Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos: formulário para levantamento de atividades diárias, inventário de estratégias de *coping* e o inventário sobre o estado geral de saúde. Verificou-se que as atividades relacionadas à administração de pessoal são as que provocam maior estresse e a assistência de enfermagem prestada ao paciente é a menos estressante. Com relação às estratégias de *coping*, tem-se que a resolução de problemas é a mais utilizada e a aceitação de responsabilidades a menos utilizada. Dados referentes ao estado geral de saúde apontam que seis enfermeiros apresentam bom estado de saúde e quatro mostram estado de saúde regular, com a prevalência de sintomas como irritabilidade (n:9), alteração do apetite, dores de cabeça e sensação de diminuição de autoestima em sete profissionais. Acredita-se que o desvelamento de tais fatores pode significar possibilidades de mudança e de melhor enfrentamento de vida, minimizando estressores.

Palavras-chave: Enfermagem. Estresse Fisiológico. Trabalho.

INTRODUÇÃO

As inovações organizacionais e tecnológicas advindas com o progresso da ciência produzem transformações muito rápidas no ambiente hospitalar e se refletem no trabalho dos profissionais envolvidos com os cuidados de saúde, particularmente no dos enfermeiros, podendo essas mudanças acarretar insegurança e comprometer o desempenho produtivo e o equilíbrio físico e emocional destes profissionais.

Aliados a essas transformações, os crescentes conflitos relacionados às questões pessoais, sociais e institucionais no âmbito hospitalar exigem desses profissionais profundas reflexões acerca de suas condições de vida.

Desta maneira, as relações entre o trabalho marcado por especificidades na enfermagem, as

condições e os modelos de assistência predominantes na sociedade atual, exigem dos enfermeiros esforços no desenvolvimento do cuidado de enfermagem associado à gestão, à educação e à pesquisa.

Nesse contexto, fica evidente que essas circunstâncias estão associadas ao aumento do estresse ocupacional e que elas têm exigido dos enfermeiros constante adaptação, maior consciência, além de grande habilidade para enfrentar essas evoluções e administrar as demandas do trabalho. Não obstante, o enfermeiro, em seu cotidiano de trabalho, age com pouca ou nenhuma consciência do estresse que enfrenta, embora se saiba que o conhecimento do processo de estresse é imprescindível para seu adequado enfrentamento, pois sem tal conhecimento não haverá resolução e o trabalhador será levado ao

*Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Coordenadora Substituta do Programa de Pós-graduação em Enfermagem/UFSM. E-mail: lauraazevedoguido@gmail.com

**Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem/UFSM. Bolsista Capes. E-mail: juumann@hotmail.com

***Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem/UFSM. Enfermeira do Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM). E-mail: lilianstekel@gmail.com

****Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem /UFSM. Bolsista Capes. E-mail: gracielelinch@gmail.com

*****Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Enfermeira do HUSM. E-mail: cucasm@terra.com.br

*****Matemático. Doutor em Engenharia da Produção. Professor Adjunto da UFSM. E-mail: lflopes@smail.ufsm.br

desgaste físico e emocional⁽¹⁾.

Entende-se que o estresse faz parte da vida e pode ser desencadeado por um grande número de estímulos, correspondendo a um fator de grande importância, especialmente quando relacionado a alterações no estado de saúde e bem-estar dos indivíduos, podendo levar a alterações físicas, psíquicas e, até mesmo, a morte⁽²⁾.

Dessa forma, a identificação dos estressores no trabalho corresponde a um dos grandes agentes de mudança, uma vez que, desenvolvidas as possíveis soluções para minimizar seus efeitos, estas podem tornar o cotidiano do enfermeiro mais produtivo e menos desgastante. Entre os fatores que interferem na relação entre os estressores e seu enfrentamento estão as interações entre o trabalho e o ambiente laboral, a satisfação no trabalho e as condições da organização e, por outro lado, as características pessoais do trabalhador, suas necessidades, sua cultura, suas experiências e sua percepção de mundo⁽³⁾.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivos caracterizar o perfil dos enfermeiros atuantes em clínica médica (CM), conhecer as situações que esses profissionais identificam como estressoras em ambiente hospitalar, assim como identificar o estado geral de saúde e os mecanismos de *coping* por eles utilizados no ambiente de trabalho.

MATERIAIS E MÉTODO

O trabalho é um estudo transversal, com abordagem quantitativa, desenvolvido nas Unidades de Clínica Médica (CM) I e II alocadas em um hospital público de ensino no interior do Rio Grande do Sul, considerado referência regional em saúde, que tem por finalidade promover a assistência, ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade. Estas unidades são destinadas ao atendimento de pacientes adultos em especialidades como neurologia, cardiologia, pneumologia, infectologia, gastrologia, endocrinologia e hemato-oncologia, com demanda de atendimento nas variadas complexidades tecnológicas e assistenciais.

Do total de 16 enfermeiros das unidades de internação referidas, dez compõem a população deste estudo, sendo quatro na CM I e seis na CM

II, visto que três não participaram por licença para tratamento de saúde, um por estar com contrato temporário e dois por não terem devolvido os instrumentos no prazo estabelecido.

Os profissionais que concordaram em participar do estudo receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo garantidas a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados, a preservação integral de seu anonimato, assim como sua liberdade para desistir de participar da pesquisa.

Para a coleta de dados foram utilizados três instrumentos, quais sejam: formulário para levantamento de atividades diárias⁽⁴⁾, inventário de estratégias de *coping*⁽⁵⁾ e o inventário sobre o estado geral de saúde⁽¹⁾.

O formulário para levantamento de atividades diárias⁽⁴⁾ constituiu-se de duas partes: a primeira inclui dados sociodemográficos para caracterização e descrição do perfil dos enfermeiros, e a segunda composta de 51 itens referentes aos estressores nas atividades diárias na atuação do enfermeiro hospitalar. Trata-se de uma escala tipo Likert, de sete pontos, em que o valor 'zero' corresponde a "não se aplica ou não faço", o número um deverá ser assinalado para atividades consideradas "pouco desgastante", o número quatro para as situações de "médio desgaste" e o número sete para atividades "altamente desgastantes". Destaca-se que os valores intermediários também poderão ser marcados de acordo com a percepção de cada enfermeiro para cada item da escala.

O Inventário de estratégias de *coping*⁽⁵⁾ foi traduzido, adaptado e validado para o português⁽⁶⁾. É constituído de 66 itens, que incluem pensamentos e ações que as pessoas utilizam para lidar com demandas internas ou externas de determinado evento estressante, dispostos em uma escala tipo Likert, em que o zero é usado para identificar "não uso a estratégia", o número um para "usei um pouco", o número dois para "usei bastante" e o número três para "usei em grande quantidade".

Utilizou-se ainda o Inventário sobre o estado geral de saúde⁽¹⁾, o qual visa a caracterizar possíveis alterações no estado de saúde física que tenham ocorrido após o início do período de trabalho no ambiente hospitalar. É composto de

27 sinais e sintomas, que foram dispostos em escala tipo Likert e assinalados de acordo com a saúde de sua ocorrência, sendo um para “não percebi”, dois para “tenho às vezes”, três para “tenho saúde” e quatro “tenho sempre”.

A análise dos dados foi realizada com o auxílio do programa *Statistical Analysis System* (SAS – versão 8.02). A avaliação da confiabilidade dos instrumentos foi realizada pela análise da consistência interna dos itens que compõem cada instrumento, pelo método do Coeficiente Alfa de Cronbach. Para a análise das variáveis categóricas usou-se a distribuição de saúde, com números absolutos(n) e percentuais(%), a fim de evidenciar o perfil da população estudada; e para as variáveis contínuas foram calculadas medidas descritivas, como média e desvio padrão.

Os dados referentes ao formulário de atividades diárias realizadas pelos enfermeiros foram subdivididos em seis áreas: Área A- relacionamento com outras unidades e supervisores; Área B- atividades relacionadas ao funcionamento adequado da unidade; Área C- atividades relacionadas à administração de pessoal; Área D – assistência de enfermagem prestada ao paciente; Área E – coordenação das atividades da unidade; e Área F- condições de trabalho para o desempenho das atividades do enfermeiro. Para a obtenção do escore de cada enfermeiro foi efetuada a soma dos valores para cada área dividida pelo número de itens que estavam englobados em cada uma, obtendo-se desta forma o escore padronizado para cada área. Foram considerados os níveis de estresse com a pontuação de escore padronizada conforme valores: abaixo de 3,0 – baixo; entre 3,1 e 4,0 – médio; entre 4,1 e 5,9 – alerta; e acima de 6,0 – alto nível de estresse.

Para o instrumento Estratégias de *coping* usadas pelos enfermeiros, foram respeitados os oito fatores classificatórios propostos por Lazarus e Folkman⁽⁵⁾: fator 1- confronto; fator 2 – afastamento; fator 3- autocontrole; fator 4- suporte social; fator 5 – aceitação de responsabilidade; fator 6 – fuga/esquiva; fator 7 – resolução de problemas; e fator 8 – reavaliação positiva. Realizou-se a soma dos escores atribuídos a cada item de um mesmo fator, a qual foi dividida pelo número total de itens, identificando-se assim as estratégias mais usadas

pelos enfermeiros para lidar com o estresse no ambiente de trabalho.

Para avaliar o estado de saúde prosseguiu-se com a soma dos valores atribuídos de acordo com a saúde dos sintomas, sendo considerada a seguinte pontuação: de zero a 43 pontos para bom; de 44 a 87 pontos para regular; e 88 a 130 para estado geral de saúde ruim. Para esta escala foi considerado o escore geral que corresponde à soma das pontuações obtidas pelos enfermeiros dividida pelo número de questões cuja resposta diferiu de zero; ou seja, quanto maior a pontuação obtida, pior tende a ser o estado geral de saúde.

O presente estudo foi devidamente registrado e encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição e obteve aprovação sob protocolo nº 130/2004. Neste artigo serão apresentados e analisados dados parciais referentes ao projeto intitulado “Estresse e *coping* entre enfermeiros hospitalares”, financiado pela FAPERGS sob registro nº 0410356.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados relacionados ao perfil sociodemográfico dos enfermeiros demonstraram que a população caracterizou-se por mulheres com idade predominante entre 20 e 30 anos (seis) e prevalentemente casadas (seis). Neste estudo, à semelhança de outros, pode-se observar que o sexo feminino é predominante na enfermagem^(1-2,4). Esses dados reafirmam a enfermagem como uma profissão tipicamente feminina.

No que se refere ao tempo de formado, observa-se que seis enfermeiros estão formados há 1 a 10 anos, oito entrevistados têm entre 1 e 10 anos de tempo de serviço na instituição e tempo de serviço na unidade. Esses dados são coerentes com a faixa etária da população estudada, composta por adultos com relativa experiência, tanto pessoal como profissional, dados que podem ser favoráveis aos enfermeiros por serem fatores capazes de diminuir, amenizar e/ou oferecer subsídios para a adequada identificação, avaliação e enfrentamento dos elementos estressores vivenciados no trabalho.

Pôde-se constatar que sete enfermeiros receberam treinamento para atuar em CM e que sete escolheram a unidade para trabalhar. O treinamento possibilita ao profissional conhecer as rotinas e o ambiente e proporciona um melhor

entrosamento com a equipe. A escolha da unidade de trabalho representa um estímulo à sua atuação e pode ser vista como um mecanismo de *coping* para enfrentar problemas e, por vezes, para diminuir o impacto das atividades da unidade⁽⁴⁾.

Observou-se que seis profissionais possuem curso de pós-graduação, tendo desenvolvido sua qualificação profissional na área de nefrologia, em cuidados intensivos, e em administração hospitalar. Cabe ressaltar que os enfermeiros pesquisados demonstram preocupação com o aprimoramento profissional, fato evidenciado pelo percentual de sujeitos com especializações. A pós-graduação aumenta a autoestima e contribui para melhorar o desempenho, e, conseqüentemente, oferece maior segurança ao enfermeiro para o enfrentamento dos estressores no trabalho^(2,7).

Constatou-se ainda que sete dos enfermeiros entrevistados não possuem outro emprego. Essa característica pode ser avaliada como positiva, pois o excesso de horas trabalhadas com mais de um vínculo empregatício reduz a oportunidade de apoio social ao indivíduo e o tempo de lazer, causando insatisfação, tensão e outros problemas de saúde⁽²⁻³⁾.

Analisando-se a média dos escores padronizados de **estresse** por área, tem-se: C>E>B>F>A>D (Alfa de Cronbach = 0,87). Isso significa que, para os enfermeiros de CM, a área C – “Atividades relacionadas à administração de pessoal”, com escore de 4,05, é a área de maior estresse, seguida da área E – “Coordenação das atividades da unidade”, com escore de 3,81. É também possível visualizar que a área D – “Assistência de enfermagem prestada ao paciente” corresponde à de menor estresse, com escore de 1,64 (Figura 1).

Pode-se verificar que na área C a atividade de maior estresse corresponde à “avaliação de desempenho do funcionário”, seguida de “controlar a equipe” e “supervisionar a equipe”.

A administração de pessoal está diretamente relacionada ao gerenciamento da assistência de enfermagem, sendo o enfermeiro responsável pela organização da equipe e pela efetividade do cuidado prestado; porém alguns fatores, como a sobrecarga de trabalho, o absenteísmo, limitações técnico-assistenciais de membros da equipe, entre outros, podem interferir nesse

desenvolvimento, assim como, representar fatores estressores no trabalho do enfermeiro.

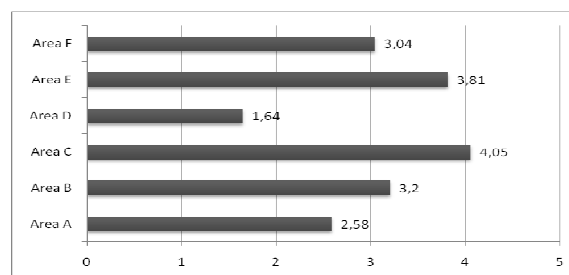


Figura 1. Distribuição da média dos escores de estresse dos enfermeiros de CM por área de estresse. Santa Maria, RS, 2009.

Outros fatores que podem exercer influência sobre a administração de pessoal são: as pressões postas pelas organizações de trabalho; a exigência de maior produtividade; redução do contingente de trabalhadores; pressão do tempo e ao aumento da complexidade das tarefas, além de expectativas irrealizáveis e das relações de trabalho tensas e precárias, fatores que assim se constituem como responsáveis pelo estresse relacionado ao trabalho⁽⁸⁾.

Sendo o estresse entendido como um processo no qual existe uma relação entre a pessoa e o ambiente, se os componentes da equipe tiverem consciência de seus atos, comprometimento com seu trabalho e envolvimento com a prática diária, certamente serão reduzidos os estressores e os mecanismos de *coping* servirão de proteção e estímulo ao trabalho⁽²⁾.

Analisada cada uma das atividades, independentemente da área à qual pertencessem, as que obtiveram maior somatório, ou seja, as consideradas como as mais estressantes, foram: avaliar o desempenho do funcionário e enfrentar a morte do paciente. O enfrentamento da morte do paciente representa sofrimento psíquico e desgaste emocional para os enfermeiros, devido à proximidade e envolvimento com o paciente e com seus familiares e à impotência diante da evolução negativa do diagnóstico⁽⁹⁾. Uma alternativa para minimizar este desgaste do profissional seria o suporte e acompanhamento psicológico.

Ao avaliar o nível de estresse dos enfermeiros da CM, constatou-se que dois se encontravam em estado de alerta para o estresse, três

apresentaram médio nível de estresse e cinco mostraram baixo nível de estresse.

Um estudo⁽¹⁰⁾ realizado a partir de uma revisão na literatura, com o objetivo de identificar fatores relacionados ao nível de estresse dos enfermeiros e as estratégias de *coping*, concluiu que as pesquisas demonstram como prioridade a busca de mecanismos inovadores para apoiar o enfermeiro em situações estressantes. Entre os principais exemplos abordados estão: educação sobre a temática (estresse); estratégias de gestão; construção de estratégias em equipe; aumento do apoio social; e flexibilidade nas horas de trabalho; contudo, o estudo salienta que essas estratégias devem ser avaliadas quanto a sua eficácia na redução do estresse.

Com relação às **estratégias de coping** identificadas pelos enfermeiros deste estudo, tem-se que o fator mais utilizado foi a resolução de problemas (fator 7), sendo a aceitação de responsabilidades (fator 5) o fator menos utilizado. Evidencia-se que, no fator 7, o item correspondente a sentimentos e ações mais experimentados e utilizados no enfrentamento das demandas refere-se a “redobrar esforços para fazer o que fosse necessário”.

Para a resolução de problemas é necessário definir esse problema, enumerar as alternativas e compará-las com os resultados desejados, selecionar e implementar um plano de ação apropriado⁽⁵⁾. Assim, o predomínio deste fator de *coping* para os enfermeiros de CM permite considerar que o enfrentamento dos estressores está acontecendo de forma resolutiva para estes profissionais, visto que, ao se identificarem as demandas do ambiente, ocorre mobilização dos

indivíduos para o enfrentamento da situação desgastante.

Na tabela 1 observam-se as médias dos fatores de *coping* por enfermeiro e a média total para a população deste estudo. Destaca-se que um enfermeiro não respondeu aos itens deste instrumento.

Deve-se ressaltar que os fatores 3, 5 e 6, relacionados ao autocontrole, à aceitação de responsabilidades e a fuga/esquiva, não foram assinalados como *coping* prevalentes por nenhum dos enfermeiros entrevistados, o que constitui um resultado positivo, uma vez que significa que os enfermeiros de CM não reagem defensivamente, de forma a evitar confrontos com a ameaça ou regular o impacto emocional do estresse.

Ao se analisarem os itens que compõem os fatores de *coping*, identificou-se que as estratégias com maior pontuação, ou seja, as mais utilizadas, referem-se a: “tentei analisar o problema para entendê-lo melhor”, seguido pelo item “analisei mentalmente o que devia fazer e o que dizer”. A confiabilidade do instrumento de *coping* foi verificada pela análise da consistência interna dos 66 itens que compõem o instrumento, e obteve-se um Alfa de Cronbach igual a 0,96.

Se o *coping* não for efetivo, a situação de estresse pode ser agravada devido à contínua mobilização do organismo na busca de adaptação ao estressor, logo se faz necessária uma nova avaliação e redefinição do estressor para cada enfermeiro⁽⁵⁾. O levantamento de demandas do ambiente pode resultar na ação do indivíduo e na mobilização de seus sistemas fisiológicos para um melhor enfrentamento da situação estressante.

Tabela 1 - Média dos fatores de coping por enfermeiro e media total para a população. Santa Maria, RS, 2009.

Enfermeiros	Fatores							
	1	2	3	4	5	6	7	8
1	0,83	1,14	1,4	1,5	0,21	1	2,5	2,44
2	1	1,14	1,4	1,66	0,23	2	2,25	2,44
3	0,66	1	2	1,83	0,26	2	1	1,77
4	1,33	1,42	1,4	2	0,28	1,5	1,75	1,22
5	0,16	1,85	1,8	1,66	0,23	3	1,75	1,55
6	NR*	NR	NR	NR	NR	NR	NR	NR
7	1,5	1	1,4	1,5	0,21	1,5	1,25	1,33
8	1,33	0,85	1,6	1,83	0,26	1,5	2,5	1,66
9	0,66	1,28	1,6	2	0,28	1	2	2,55
10	0,66	0,42	1	1,33	0,19	0	1,5	1,44
Media total	0,90	1,12	1,51	1,70	0,24	1,5	1,83	1,82

NR = Não respondeu aos itens deste instrumento.

As pessoas reagem ao estresse de maneiras diferentes, e o trabalhador necessita apropriar-se de recursos para se proteger diante das situações de risco. Desta maneira, as estratégias de *coping* ajudam os profissionais diante das situações estressoras⁽¹¹⁾.

Os dados referentes ao **estado geral de saúde** apontam que seis enfermeiros apresentam bom e quatro regular estado de saúde. Quanto aos sintomas não percebidos para a população, têm-se como os principais: pressão arterial alta (dez); arritmia, náusea, irregularidade no ciclo ou fluxo menstrual (oito); constipação, saúde, alteração de peso, dor no peito, alterações da libido, tonturas/vertigens (sete).

Identificou-se que os principais sintomas pontuados com “tenho às vezes” ou “tenho frequentemente” foram: irritabilidade (nove); alteração do apetite, dores de cabeça e sensação de diminuição de autoestima (sete); e alteração no sono (seis).

Observou-se que a maioria dos sujeitos apresenta bom estado geral de saúde. Esse fato pode estar relacionado ao baixo nível de estresse apresentado pela metade dos indivíduos do estudo, e a utilizarem estratégias de enfrentamento resolutivas. Estes dados corroboram os de estudo realizado entre enfermeiros de terapia intensiva que avaliou o estado de saúde destes profissionais e encontrou baixos escores, resultado que reflete as avaliações positivas realizadas pelos enfermeiros sobre seu estado de saúde⁽¹²⁾.

Não obstante, fica evidente que a resposta aos estressores dadas pelos enfermeiros da CM da instituição em estudo depende da avaliação individual, e que a administração de pessoal é um estressor presente na atuação destes profissionais. Dessa maneira, é necessário instrumentalizar cada vez mais os profissionais quanto à avaliação dos estressores e de

mecanismos efetivos de enfrentamento, para assim minimizar a ocorrência de estresse.

CONCLUSÃO

As mudanças tecnológicas evidenciadas nas últimas décadas, somadas às competições no trabalho e às suas condições e cargas e suas responsabilidades, promovem nos trabalhadores o processo de estresse. Assim sendo, os enfermeiros enfrentam a necessidade de ter não só conhecimentos técnicos e científicos, mas também humanísticos, éticos, educacionais e sociais no trabalho da enfermagem.

A partir dos resultados encontrados neste estudo, com o conhecimento dos estressores diários vivenciados no ambiente hospitalar, das formas de enfrentamento mais utilizadas pelos enfermeiros e de seu estado de saúde, acredita-se que uma melhor compreensão destas relações pode ajudar a elucidar questões cotidianas para que haja uma ação mais condizente com as transformações que têm ocorrido neste espaço de trabalho – no caso, a CM.

A identificação dos estressores no trabalho é um dos grandes fatores de promoção de mudanças, uma vez que, desenvolvidas as possíveis soluções para minimizar seus efeitos, estas podem tornar o cotidiano do enfermeiro mais produtivo e menos desgastante e, possivelmente, valorizá-lo mais como ser humano e como profissional.

Nesse contexto, o desvelamento de tais fatores pode significar possibilidades de mudança e de melhor enfrentamento de vida, minimizando os estressores. Ressalta-se que um importante papel das instituições de saúde é proporcionar segurança e satisfação ao profissional e fortalecer os elos entre a organização, os profissionais e os clientes, permitindo uma melhor qualidade de vida no trabalho.

STRESS, COPING AND HEALTH CONDITIONS OF NURSES IN A MEDICAL CLINIC OF A UNIVERSITY HOSPITAL

ABSTRACT

This is a transversal study with a quantitative approach developed in a Medical Clinic of a university hospital. It aims to identify the stress factors in the work of nurses, the coping strategies, and their health conditions. The study population was composed by ten nurses, independently of the position or function performed. On data collection, three instruments were used: a survey for the daily activities, coping strategies inventory, and an inventory on the General Health State. The activities related to personnel management represent the highest stress level, and the nursing assistance provided to the patient corresponds to the lower stress on the population.

With regard to coping strategies, solving problems is the most used, being responsibilities acceptance the least used. Data concerning the general health state point that 60% of the nurses in MC present good health conditions; 40% with regular health conditions, prevailing symptoms such as irritability (90%), appetite change, headaches and the sensation of lack of self-esteem (70%). It is believed that these factors might mean possibilities of change and a better approach in life, minimizing stress.

Key words: Nursing. Stress Physiological. Work.

ESTRÉS, COPING Y ESTADO DE SALUD DE ENFERMEROS DE CLÍNICA MÉDICA EN UN HOSPITAL UNIVERSITARIO

RESUMEN

Se trata de un estudio transversal, desarrollado en un hospital universitario, tiene por objetivo identificar a los estresores en la actuación de los enfermeros de Clínica Médica, las estrategias de coping, y el estado de salud de tales profesionales. La población está constituida por diez enfermeros, independiente del cargo o función desempeñada. Para recoger los datos fueron utilizados tres instrumentos: formulario de levantamiento de actividades diarias, inventario de estrategias de coping e inventario sobre el Estado General de Salud. Se pudo comprobar que las actividades relacionadas a la administración de personal representan las de más estrés, y la asistencia de enfermería prestada al paciente corresponde a la de menor estrés. Con relación a las estrategias de coping, se puede decir que la resolución de problemas es más utilizada, siendo la aceptación de responsabilidades la menos utilizada. Datos que se refieren al estado general de salud apuntan que 6 enfermeros presentan un buen estado de salud y 4 presentan un regular estado de salud, prevaleciendo los síntomas de irritabilidad (n:9), alteración del apetito, dolores de cabeza y sensación de disminución de la auto-estima aparecen para 7 profesionales. Se cree que el desvelamiento de tales factores puede significar posibilidades de cambio y de un mejor enfrentamiento a la vida, minimizando estresores.

Palabras Clave: Enfermería. Estrés Fisiológico. Trabajo.

REFERÊNCIAS

1. Chaves EC. Estresse e trabalho do enfermeiro: a influência de características individuais no ajustamento e tolerância ao turno noturno. [tese] São Paulo: Instituto de Psicologia da USP; 1994. 130p.
2. Guido LA. estresse e coping entre enfermeiros de Centro Cirúrgico e Recuperação Anestésica. [tese] São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2003. 182 p.
3. Camelo SHH, Angerami ELS. Riscos psicossociais no trabalho que podem levar ao estresse: uma revisão análise da literatura. *Cien Cuid Saude*. 2008; 7(2): 232:40.
4. Bianchi ERF. Estresse entre enfermeiros hospitalares. [livre docência] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999. 101p.
5. Lazarus RS, Folkman S. Estresse, appraisal, and coping. New York: Springer; 1984.
6. Savóia MG, Santana PR, Mejias NP. Adaptação do inventário de estratégias de coping de Folkman e Lazarus para o português. *Psicol USP*. 1996; 7(b1/2):183-201.
7. Cavalheiro AM, Junior DFM, Lopes AC. Estresse de enfermeiros com atuação em unidade de terapia intensiva. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2008;16(1):29-35.
8. Schmidt DRC, Dantas RAS, Marziale MHP, Laus AM. Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico *Texto & Contexto Enferm*. 2009; 18(2): 330-7.
9. Menzani G, Bianchi ERF. Determinação dos estressores dos enfermeiros atuantes em unidades de internação. *Enferm Global* 2005;7(1);1-09.
10. Chang EM, Hancock KM, Johnson A, Daly J, Jackson D. Role stress in nurses: Review of related factors and strategies for moving forward. *Nurs Health Sci*. 2005; 7(1); 57-65.
11. Guerrer FJL, Bianchi ERF. Caracterização do estresse nos enfermeiros de unidades de terapia intensiva. *Rev Esc Enferm USP*. 2008; 42(2):355-62.
12. Britto ESB, Carvalho AMP. Estresse, coping (enfrentamento) e saúde geral dos enfermeiros que atuam em unidades de terapia intensiva e problemas renais. *Enferm Global*. 2004; 4(1):1-4.

AGRADECIMENTO

Agradecemos à agência de fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) pelo apoio e financiamento da pesquisa “Estresse e coping entre enfermeiros hospitalares”.

Endereço para correspondência: Laura de Azevedo Guido. Rua Fioravante Spiazzi, 78, Bairro Cerrito, Km 3, CEP: 97095-180, Santa Maria, Rio Grande do Sul. E-mail: lauraazevedoguido@gmail.com

Data de recebimento: 05/06/2009

Data de aprovação: 20/10/2009

